

físicos — ao fato material da comunicação, em prejuízo da moralidade do ato, que deve ser seu guia e fim.

É por isso que as reuniões espíritas ainda têm, aos olhos da multidão, certo aspecto ou caracter teatral e fantástico, completamente estranho á magestade atraente das doutrinas evangélicas.

Tudo que não seja procurar, pela comunicação, o melhoramento dos costumes, a começar por nós mesmos, é perder e profanar uma graça de inestimável valor, que cessará com o seu mau uso.

Somos discípulos recém-chegados á escola espírita e não alentamos, nem jámais alentaremos, a pretensão de nos arvorar em mestres do seu luminoso ensino.

Somos, porém, discípulos animados de bons desejos, de convicções e de fé, e invocamos êste título afim de se compreender que nossas observações procedem de um bom propósito e se dirigem á remoção dos obstáculos que possam retardar, por mais ou menos tempo, a vitória do Cristianismo.

## V

*A comunicação é um fato. Como a julgam os despreocupados e a igreja.*

Se somos vítimas de uma alucinação — de uma ilusão da esperança — de um desarranjo mental — de um erro com a máscara da verdade!... cem vezes nos tem vindo ao pensamento — e outras tantas têm sido as nossas dúvidas dissipadas pela realidade.

A comunicação espiritual é um fato, dizia-nos a pena que a mão punha em movimento sem o concurso da vontade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntava o testemunho de milhares de homens de irrecusável autoridade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntavam o Antigo e Novo Testamento.

Podemos suspeitar, sequer, que se tenham posto de acôrdo, para seduzirem-nos e enganarem-nos, o testemunho dos nossos próprios sentidos, a autoridade humana, e as Sagradas Escrituras?

Tão pouco é o que o homem conhece das leis e da natureza dos seres, que a sua marcha pelas vias do progresso se faz lentamente e ás escuras.

Sua ignorância torna-o suspicaz — e fá-lo receoso de dar agasalho ás verdades que não cabem na estreiteza do seu cérebro.

Um fraco raio de luz o céga — e êle nega a luz, até que se habitua com ela, logrando dominá-la.

Vê os astros — e julga que são simples faróis pendentes de uma abóbada sólida e firme!

Ai do primeiro que se atrever a desprendê-los do firmamento e arrancar a Terra do centro do universo!

As verdades porém se impõem, apesar da ignorância dos homens, e chega o tempo em que êles as admiram entusiasticamente, depois de as haver repellido com desprezo.

O que succedeu com as leis cosmológicas, com a electricidade, com o magnetismo, em uma palavra, com cada um dos progressos científicos, succede hoje com o fenómeno da comunicação espiritual.

Desconhecem-se suas leis — e a ignorância opõe-se a reconhecer e autorisar o fenómeno.

Os *despreocupados* riem-se dêle, como se riram de Copérnico e de Galvani os *despreocupados* dos séculos XVI e XVIII.

O que diria o mundo, se êles confessassem a realidade de uma lei, que não podem explicar em sua suficiência, em seu positivismo, em sua ciência *universal*, em sua superioridade sôbre quantos acreditam que muito há a descobrir, e que nem toda a sabedoria poderá tudo alcançar?

Mais cordata, a igreja romana admite o fato da



comunicação; porém, presa dentro do círculo de ferro da sua infalibilidade e do seu dogma, explica-o pela influência maléfica do diabo, recém-chegado, ao que parece, dos desertos da Tebaida, onde o tinha encadeado o bom Rafael, companheiro de Tobias.

No decurso dêste livro e, mui principalmente, em uma das comunicações subscritas por Maria, debate-se, com a maior profundidade e amplitude, a questão do diabo, razão pela qual nos julgamos desobrigados de fazê-lo aqui.

Dia chegará em que Roma se desprenderá do seu Plutão e das suas eternas fogueiras, como se tem despreendido de outras afirmações, caídas, em tempo, no completo descrédito.

## VI

### *Como se realisa o fato. Os médiuns.*

Como se verifica a comunicação espiritual?

Não nos referiremos senão ás que se obtem por meio da escrita, pois que a esta classe pertencem as obtidas no círculo de Lérida.

O médium, isto é, a pessoa que tem faculdade de receber as comunicações, toma a pena, abandona a mão sobre o papel — e a mão move-se por impulso alheio e inteligente, traçando palavras, frases, períodos legíveis, cujo conjunto exprime, não os pensamentos do médium, mas sim os da força inteligente, exterior e invisível, que imprime o movimento á pena.

A mão do médium, completamente passiva, age como a da criança que fórma sobre o papel traços e letras, obedecendo ao movimento e á direção da mão do seu mestre.

A capacidade ou aptidão mediúnica é muito geral. Em nossa opinião, todas as pessoas a possuem em maior

ou menor escala — e, se nem todos obtêm resultados, talvez seja devido, menos á falta de aptidão, que á impaciência ou á falta de ordem com que a maior parte faz os seus ensaios.

É indispensável compreender que a comunicação não pôde dar-se sem permissão superior — e que não a alcançaremos se não soubermos pedi-la.

Não é condição essencial crermos na realidade do fenómeno, para obtê-lo; basta estudá-lo com respeito e desejá-lo com o propósito de o aproveitar em bem da humanidade.

O médium pôde ser *mecânico* e *intuitivo* (vêde o Livro dos Médiuns); o primeiro, obra maquinalmente, sem consciência do que sua mão escreve — o segundo, recebe os pensamentos e até as palavras, que sua mão traslada automaticamente para o papel.

Neste último caso, a comunicação é uma verdadeira inspiração — e não merece menos confiança que a primeira, a mecânica, sempre que o médium, deixando completamente abandonada a mão, evite a possibilidade de mesclar seus próprios conceitos aos que lhe são inspirados.

A mediunidade intuitiva é frequentemente causa de desconfianças da parte do médium, que, vendo sua mão traçar o que passou por sua mente, suspeita ser sua vontade que determina o movimento da pena.

Essas suspeitas se desvanecem com o bom uso da mediunidade e com a prática; pois que, no decurso das comunicações, dar-se-ão casos de algumas referirem fatos por êle ignorados e depois comprovados — ou fatos muito superiores aos seus conhecimentos.

Que o médium intuitivo pôde influir na estrutura e fraseologia da comunicação, não há que duvidar; pois que um pensamento inspirado pelo mesmo Espírito a dois médiuns de diferentes gráus de instrução, aparece